

MEMES: UM GÊNERO E SEU POTENCIAL DE LETRAMENTOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Rita Cristina Lima Lages¹

Rivânia Maria Trotta Sant'Ana²

Verônica Camila Honório Machado³

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre os gêneros textuais e o ensino de língua portuguesa por meio de *memes*. Através dos textos multimodais é possível explorar várias competências e levar os alunos a novas formas de aprendizagem, tanto dentro da sala de aula quanto fora dela. As redes sociais atuais têm grande capacidade de propagação de informação. Essas informações se apresentam em novos e diversos gêneros textuais como *vlogs*, *gifs*, *memes*, entre outros, e através deles é possível explorar a multimodalidade. O *meme* se destaca por seu grande potencial de propagação pelas redes sociais em curto período de tempo. Com ele é possível abordar diversos temas sociais como machismo, feminismo, política, economia, entre outros temas que permeiam a mídia na atualidade. Além disso, analisamos alguns memes e seu potencial de letramentos, com o intuito de mostrar que, se usados em sala de aula, podem contribuir para a formação e a construção do senso crítico na vida dos estudantes. A metodologia utilizada foi uma curadoria de memes nas redes sociais para problematizações e análises. Apoiamo-nos, principalmente, em autores como Koch, Richard Dawkins, Bakhtin, Marcuschi, Carla Coscarelli.

Palavras-chave: Gêneros textuais; Multimodalidade; Memes; Letramentos

INTRODUÇÃO

Podemos observar, sem muito esforço, como a cultura digital está presente no cotidiano atual. A internet, hoje, é acessível a grande parte das

1 Professora Adjunta do Departamento de Letras e do PPGL da UFOP.

2 Professora Associada de Departamento de Letras da UFOP.

3 Graduanda do Curso de Letras Estudos Literários da UFOP.

peçoas, e um fato inegável é que está inserida na vida dos estudantes de muitas formas e na maior parte do tempo. Assim sendo, com novos modos de letramento surgindo nesse meio, é difícil não pensarmos em como esses letramentos, dentro e fora da sala de aula, afetam a vida do estudante. É preciso estar atentos, como alunos e educadores, às novas tecnologias e retirar o máximo possível de conteúdo útil, que agregue reflexão, conhecimento e senso crítico aos alunos que fazem uso desse meio.

Assim como muitas áreas são influenciadas com o crescimento da internet, não é diferente com a educação. Além dos gêneros textuais que já conhecíamos, muitos novos gêneros virtuais foram surgindo, como vlogs, fanfics, gifs, memes, entre outros. Tornou-se necessário verificar se há potencial pedagógico nesses gêneros e, se há, como nós, profissionais da educação, podemos fazer uso desses recursos da melhor forma possível. Desse modo, buscamos, por meio deste trabalho, compreender o gênero *meme* e mostrar como este pode estar presente nas práticas educativas, contribuindo para o aprendizado e o bom desempenho de alunos do Ensino Médio, sobretudo, de língua portuguesa.

Inicialmente, o interesse pelo tema surgiu quando, em uma aula sobre gêneros textuais e discursivos, o professor pediu que fizéssemos um seminário sobre diversos gêneros que, trabalhados em sala de aula, poderiam ser grandes contribuintes para a educação. Foram vários grupos, e o meu escolheu fazer uma abordagem sobre o cinema e suas possibilidades pedagógicas. Um grupo escolheu trabalhar os *memes* e isso atraiu minha atenção de forma quase que imediata. A princípio não entendi bem o que poderia ser desenvolvido ali, mas, conforme o trabalho era apresentado, eu não só compreendi como me interessei bastante por aquele tema. Senti que o gênero tinha grande potencial pedagógico e, por isso, naquele dia, decidi aprender mais sobre ele, o que me permitiu adentrar nesse universo pouco conhecido por mim, fazendo dele meu objeto de pesquisa.

OS GÊNEROS TEXTUAIS: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com o artigo “Gêneros textuais no ensino de língua portuguesa”, em meados de 1960 e 1970 tornou-se necessário estudar os textos como unidades da língua, uma vez que o estudo era voltado para mecanismos interfrásticos. Nessa época, o texto era visto apenas como uma frase completa ou uma unidade linguística superior à sentença. Foi nesse período que surgiu a necessidade de construção de gramáticas textuais, uma vez que a abordagem utilizada anteriormente era o estudo exaustivo dos constituintes das frases (Koch, 2006, p. 27).

Os gramáticos da época perceberam que os usuários da língua possuíam capacidades cognitivas de compreender o texto, parafrasear, fazer resenhas, entre outras atividades, visto que todo leitor podia diferenciar um texto coerente de um amontoado de enunciados incoerentes. Foi então que a ideia de “frase complexa” foi descartada, e os estudos passaram a ser sobre o texto como unidade maior de sentido. Nessa nova perspectiva, seria por meio do texto, ou a partir dele, que deveriam ser estudadas as partes menores que o constituem, como os itens gramaticais (pronomes, artigos, preposições, etc.), os itens lexicais e os mecanismos de combinação desses itens e das sentenças; não o contrário, como era feito anteriormente.

Segundo Koch (2006), foram muitos os estudiosos que desenvolveram gramáticas textuais, tornando o estudo do texto um grande desafio para os linguistas da época. Com base nos estudos acerca do texto, Van Dijk (1972), linguista de base gerativista, destaca-se, contribuindo muito para o desenvolvimento da linguística textual, ao elaborar gramáticas e desenvolver estudos sobre o texto. Os seus estudos tinham por finalidade interligar a gramática do enunciado à gramática do texto, defendendo “que uma gramática textual tem por tarefa principal especificar as estruturas profundas”, não mais se prendendo ao estudo gramatical da frase, como muitos defendiam na época (Koch, 2006, p. 29).

Van Dijk trouxe inovação à Linguística Textual ao focar na criação de gramáticas para explicar as "estruturas profundas" dos textos, incorporando elementos semânticos. Isso ampliou o estudo linguístico para além das estruturas sintáticas. Para ir além da análise sintático-semântica, a Linguística Textual adotou uma perspectiva pragmática, reconhecendo o texto como a unidade fundamental da comunicação entre as pessoas. Assim, consideravam-se os fatores contextuais como essenciais para entender e descrever os textos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, de 1998, introduziram os gêneros textuais no ensino de leitura e produção de textos. Também enfatizaram o ensino dos gêneros como parte central para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, considerando o contexto e a esfera de circulação desses gêneros. Essa abordagem dos PCNs foi uma mudança de foco, indo além do estudo isolado de forma e conteúdo. Eles tornaram os gêneros textuais fundamentais para o ensino da língua, considerando a interação entre forma e função e o uso variado dos gêneros. Apesar disso, os PCNs não deram instruções detalhadas sobre como implementar essa abordagem.

Autores como Dolz e Schneuwly oferecem um modelo didático concreto sobre como trabalhar com gêneros na sala de aula, conectando-os ao ambiente dos alunos. Esse modelo, denominado sequência didática, enfatiza a compreensão das características de cada gênero, relacionando o ensino à prática fora da escola. A sequência didática é uma estrutura organizada que permite aos alunos aplicar habilidades linguísticas adquiridas e aprender novas habilidades, facilitando a compreensão do conteúdo.

GÊNEROS TEXTUAIS, HIPERTEXTO E MULTIMODALIDADE

De acordo com o artigo “Gêneros textuais na escola”, de Carla Coscarelli (2007), entende-se que os gêneros hoje são tão fundamentais quanto as gramáticas. Apoiada em pesquisas feitas por Marcuschi e Bakhtin, a autora nos traz um panorama sobre a necessidade de os gêneros serem estudados.

Os gêneros textuais, que consolidam o texto, são diversos e eles transformam os textos dando suas características. Há muitas questões a serem consideradas no estudo dos gêneros, por isso torna-se difícil classificá-los. Embora estes não sejam os únicos fatores a serem considerados na sua classificação, sua função e sua forma, ou estrutura composicional, são importantes para determiná-los. Além disso, temos também os gêneros híbridos, que surgem da junção de dois ou mais gêneros. De acordo com Pagano (2005), talvez o hibridismo e o rompimento dos gêneros padrões sejam naturais aos próprios gêneros.

Todavia, talvez o foco do ensino não devesse ser sobre ensinar gêneros textuais ou fazer com que os alunos aprendam a classificá-los. O objetivo de abordar os gêneros nas escolas é o de levar aos alunos as condições de produção e recepção do conteúdo. Ensiná-los a escrever de forma objetiva, cientes de para quem estão escrevendo e dos sentidos que estão construindo, a fim de que compreendam o texto e o contexto em que este está inserido.

Os gêneros podem ser lidos, escritos, falados e ouvidos, de modo que, embora nem todos os alunos, necessariamente, saberão produzir todos os gêneros estudados, possivelmente muitos saberão ler e conseguirão inseri-los no contexto da sua realidade. É importante que o estudante saiba sobre as condições de produção do texto, sobre o contexto, sobre a finalidade do texto, sobre os elementos linguísticos e não linguísticos que constituem os mecanismos de construção da ironia, do humor, da metáfora, entre outros efeitos de sentido. É também importante que os alunos saibam sobre os usos da linguagem, sobre o uso padrão e a flexibilidade dos gêneros. Então, explorar os aspectos linguísticos de

forma e sentido, e, finalmente, fazer uso dos elementos da língua ao construir ou ler um texto.

Na tentativa de compreender os mecanismos do hipertexto e associá-lo ao texto, Coscarelli (1999) realizou um estudo, a fim de compreender a influência da imagem na compreensão de textos informativos e na produção de inferências. Para isso, foram analisados textos apenas verbais e textos com imagens. A autora observou que a utilização de texto associado a imagens contribuiu positivamente para a produção de inferências e melhorou a compreensão dos textos por parte dos alunos. Entretanto, vale ressaltar que esse resultado foi constatado através da junção texto e imagem, esta complementando o outro, não se sobrepondo a ele.

Outro estudo, feito por Dias (2008), se propôs a analisar a diferença entre um hipertexto constituído por texto verbal, outro por imagens e, por fim, um que era constituído por texto e imagem. Esse estudo mostrou que inicialmente o texto verbal chamou mais a atenção dos leitores; talvez isso tenha ocorrido pelo formato com o qual o leitor já estava familiarizado. Posteriormente, foi percebido que o texto com imagem permite uma compreensão maior; porém, torna-se necessário prestar atenção a outros elementos que o constituem, como o *design*, o *layout*, entre outros, que permitem aos leitores uma boa leitura e compreensão, desde que o texto esteja bem escrito e bem estruturado. Entretanto, outra pesquisa (Coscarelli, 2005b; 2007) mostrou que a leitura do hipertexto acompanhada de *links* não favoreceu muito a leitura em relação a textos com os parágrafos corridos. Porém, pessoas já familiarizadas com a tecnologia não mostraram diferença de outras pessoas que leram o texto de forma corrida.

Defendendo que todo texto é um hipertexto e toda leitura, um processo hipertextual, de acordo com a autora, os resultados das pesquisas mostraram que, desde que o texto esteja bem escrito, obedecendo às regras de textualidade, e desde que o leitor se aproprie do gênero textual e seja um bom leitor, haverá resultados positivos na leitura. Por outro lado, de acordo com o artigo, outros autores como Xavier (2007) e Ramal (2002) diferenciam a leitura do hipertexto e a

do texto e defendem que o hipertexto atende a um leitor mais ativo, ou até coautor, que pode inferir outros significados do texto. Além disso, afirmam que o hipertexto possui estrutura não linear, sem eixo organizacional ou centro em relação ao texto.

Também foi observado que em alguns livros didáticos já se trabalha com gêneros digitais como o *e-mail* e o *blog*, entretanto ainda não se trabalham nas escolas os gêneros e seu potencial multimodal como se deveria fazer. Tanto os professores quanto os alunos não possuem preparação suficiente para trabalhar com esses mecanismos dentro de sala de aula, levando em consideração o grande potencial desses textos que fazem uso de diversas outras linguagens como sons, imagens, vídeos, gráficos etc., que contribuem consideravelmente para a produção e a compreensão de sentidos.

A internet teve um crescimento significativo e podemos observar isso em várias esferas, como no mercado de trabalho, que, com as grandes mudanças de hoje, permite que um indivíduo trabalhe de sua casa, com quase qualquer coisa, como alimentação, saúde, moda etc. Acontece o mesmo com a educação, e a internet está cada vez mais presente na vida de jovens estudantes, permitindo que estes sejam influenciados a todo instante e que possam desenvolver bastante aprendizado e construir com afinco o próprio senso crítico. A internet também permite que todos atuem mais ativamente diante de diversas situações sociais, educacionais, políticas que exijam posicionamento.

Com o avanço da internet, muitos novos gêneros foram surgindo e/ou tomando novas características no meio virtual, quase todos marcados pela hipertextualidade. Podemos citar o *e-mail*, que possui características semelhantes às da carta, porém atendendo a usos que exigem mais precisão e mais urgência. Temos *gifs*, anúncios, fóruns, *chats*, *vlogs*, textos acadêmicos, *memes*, entre outros.

Grande parte dos estudantes fazem uso de redes sociais e aplicativos que lhes permitem estar em contato com alguns, senão todos, esses gêneros. O

que pode ser visto como algo positivo, uma vez que os gêneros virtuais permitem multiletramentos, hipertextualidade, multissemiões, textos multimodais com diversas linguagens que podem ser aprendidas e desenvolvidas. Segundo considerações de Marcuschi:

[...] o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estruturais (Marcuschi, 2011, p. 19).

Desse modo, percebe-se a flexibilidade dos gêneros, a forma como variam e, por consequência, a necessidade de voltar a atenção para eles. Muito se pode compreender a partir da observação desses gêneros e da prática de atividades que os tem como forma de ensino dentro das salas de aula.

Entre esses gêneros trazemos a atenção para o gênero *meme*, tendo em foco o seu grande potencial pedagógico. Este gênero nasce na internet, veiculando o conhecimento de mundo de seu criador, contendo linguagem verbal ou não verbal. Por sua característica de poder ser alterado e adaptado a várias situações e pelo seu efeito de humor, é muito comum que ele seja replicado por outras pessoas que se identificam com ele e conseguem compreender os seus recursos referenciais, linguísticos, sociais. Dessa forma, acabam “viralizando” nas redes sociais e passam a fazer parte do conhecimento compartilhado de grande parte das pessoas que as utilizam, especialmente pessoas mais jovens, criando uma conexão entre elas.

MEMES

Em 1976, o termo *meme* foi mencionado pela primeira vez em **O gene egoísta**, pelo biólogo Richard Dawkins:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade

de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com "memória", ou à palavra francesa *même*. (Dawkins, 2001, p. 214).

Numa analogia à transmissão genética, surge o termo *meme* relacionado à transmissão cultural. Assim como os genes se replicam, Dawkins defende que o mesmo acontece com os *memes*, levando em consideração que estes não fazem cópias idênticas de si mesmos. Os *memes* representam mecanismos culturais que podem ser passados de pessoa a pessoa ou de grupo a grupo. Como uma canção, um conceito, um pensamento, um vídeo etc. Por exemplo, uma crença em um deus pode ser compartilhada por diversas pessoas e pode ser passada adiante através da imitação. Como uma música que se torna viral, um vídeo, uma imagem... que se alojam no consciente humano.

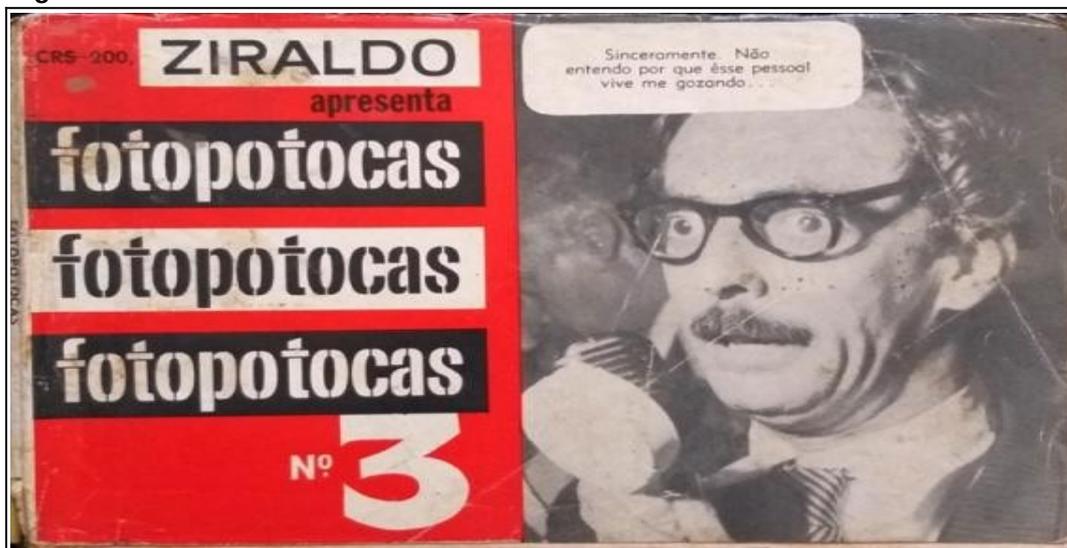
Considerando estudos a respeito da linguagem memética pelo filósofo Daniel Dennett (1990) e Susan Blackmore (1999), voltarei a atenção para os *memes* da cibercultura. Embora estes estejam bastante presentes no cotidiano das pessoas, ainda são poucos os estudos acadêmicos sobre eles, seja por seu caráter humorístico ou pelo meio em que são disseminados. Hoje, *memes* são um fenômeno típico da internet e podem se apresentar em diferentes formatos. Os *memes* digitais, por se propagarem no espaço digital, se diferenciam dos da concepção de Dawkins, que se replicam de cérebro a cérebro, conforme o trecho a seguir:

Os textos mêmicos carregam em si mensagens que são decodificadas pelos cérebros receptores, analisadas, interpretadas, adotadas e, por vezes, replicadas, tal que, ao se familiarizarem com a linguagem contida no componente a ser replicado, estarão dialogando de certa maneira com o criador do "meme", ou mesmo com os partícipes das mesmas interações de transmissão de ideias. É a linguagem enquanto fenômeno social, como prática de atuação interativa (Souza, 2013, p. 134).

Assim como o *meme* denominado por Dawkins, é interessante também mencionar outra abordagem semelhante ao que hoje conhecemos como os *memes*

virtuais, que são as fotopotocas. O gênero de humor conhecido como fotopotocas teve início em 1963, na revista O Cruzeiro, sob o nome de "fotofofocas". Posteriormente, adotou a denominação "fotopotocas", quando passou a ser publicado em revistas especializadas. Esse tipo de humor se destaca por sua natureza midiática, que combina elementos do humor com o contexto político, formando uma abordagem peculiar e satírica que entrelaça o campo do humor gráfico com o cenário político. Vejamos alguns exemplos.

Figura 1



Fonte: <https://sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=1552825>

Figura 2



Fonte: <https://sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=1552825>

UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO *MEME* EM SALA DE AULA

Para o trabalho com adolescentes hoje, em sala de aula, não se pode mobilizar a mesma metodologia didático-pedagógica utilizada há dez anos. Isso nos faz pensar que, se os tempos mudaram, certamente mudariam também as experiências educacionais e, por consequência, as práticas de ensino. Construir novas práticas de ensino que incluam novas linguagens e novas tecnologias tem significativo potencial, uma vez que atraem a concentração de estudantes em grande escala, por permitirem estudar a linguagem de uma forma mais dinâmica e atraente para os alunos.

Uma análise linguística com *memes*, por meio de um estágio supervisionado de língua portuguesa, foi realizada com alunos do terceiro ano do Ensino Médio, em uma escola pública estadual do Estado de Minas Gerais, em 2019. Vinte e cinco alunos que faziam uso de aparelhos tecnológicos foram submetidos a atividades em que precisavam analisar *memes* no que diz respeito tanto aos aspectos discursivos e gramaticais quanto à temática, considerando temas sociais como machismo, sexismo, feminicídio, entre outros.

A princípio, os estudantes, em grupo, precisaram fazer uma análise interpretativa do *meme*, apontando seus aspectos composicionais, como os linguísticos, a temática, os fatores semióticos, o léxico, entre outros aspectos. Precisaram também contextualizar os *memes* com situações reais, vividas ou presenciadas, com base nos temas propostos e, por fim, entregar a análise do *meme* estudado.

A experiência mostrou que quase todos os grupos tiveram dificuldades no momento de fazer a interpretação dos aspectos linguísticos do texto, assim como dos aspectos não verbais. Quanto à análise da temática, foi feita de forma superficial. Todavia, em se tratando de alunos do terceiro ano do Ensino Médio, esperava-se que soubessem fazer a interpretação de textos multimodais, com múltiplas semioses, visto que interpretar é fator fundamental nas habilidades de

Linguagens e Tecnologias da BNCC para o Ensino Médio. Tomamos por referência as seguintes habilidades propostas pela BNCC:

(EM13LGG103) Analisar, de maneira cada vez mais aprofundada, o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses. (EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social. (BRASIL, p. 483)

Posteriormente foram analisados com a turma, noutra aula, os *memes* distribuídos anteriormente, trazendo a atenção dos alunos para o que eram textos multimodais e a importância de analisar todos os elementos constitutivos do *meme*, como o texto verbal e o não verbal, os aspectos gramaticais e discursivos, as cores, as imagens, o sentido, a temática etc. Pode-se observar então, em seguida, uma interação maior por parte dos estudantes, uma vez que compreenderam a metodologia ensinada. Além disso, foi solicitado que desvendassem as figuras de linguagem contidas em outro *meme*. Eles mostraram mais interesse e participação nas atividades com as questões usando *memes*, interpretaram o texto e as imagens neles contidas, participaram mais ativamente das aulas. Isto mostra o quanto pode ser interessante trazer o uso de *memes* para dentro da sala de aula e o quanto isso pode fazer a diferença na vida de um aluno dentro e fora da escola, contribuindo gradativamente para seu progresso educacional e o desenvolvimento da sua competência leitora dos diversos gêneros que circulam na contemporaneidade.

ANALISANDO MEMES

Meme 1



Fonte: Pin page (pinterest.com)

O *meme* acima contém elementos linguísticos e não linguísticos, trata-se de uma conversa inspirada em um episódio de uma série de televisão, intitulada “Todo mundo odeia o Chris”, em que o personagem Julius encontra uma quantidade considerável de dinheiro em um dos sapatos de sua esposa Rochelle e, por isso, ambos têm uma discussão em que, na imaginação do personagem Julius, a esposa o largou por ter dinheiro suficiente para ir embora. Além de referenciar uma cena da série em que Rochelle se demite e pronuncia, diversas vezes, que não precisava do trabalho porque o marido tinha dois empregos, no *meme* temos o uso dos quatro porquês, empregados em sua forma adequada à situação de uso, bem especificada em cada quadrinho. Sabemos que utilizar adequadamente as diferentes formas do “porquê” é uma dificuldade que muitas pessoas, inclusive alfabetizadas, possuem. Assim, nesse gênero, é necessário que o aluno saiba inferir sentidos por meio de uma leitura que leve em conta os mecanismos linguísticos e imagéticos presentes no texto, tendo como base seu conhecimento de mundo.

Além disso, o *meme* utilizado nos faz mover nossa atenção para outras questões que a princípio são quase imperceptíveis, como o contexto da história que está sendo contada. A série retrata os anos oitenta e nesse contexto é mostrada a vida de uma mulher negra que, apesar de conseguir, às vezes, alguns trabalhos, ainda era dependente financeiramente do marido. Além das dificuldades da própria época para a inserção da mulher no mercado de trabalho, trata-se de uma mulher negra com três filhos, morando no gueto do Brooklyn, condado de Nova York. O racismo nos Estados Unidos atualmente ainda é muito evidente, mas estamos falando de personagens de uma outra geração, para a qual tudo era mais difícil, tanto por serem negros e pobres quanto, nesse caso, por se tratar de uma mulher negra, que certamente não tinha as mesmas oportunidades que uma mulher branca.

Meme 2



Fonte: twitter.com

O *meme 2* abre espaço para uma discussão acerca de como, em contrapartida, a internet pode conter tanto *memes* pedagógicos como *memes* que fomentam os discursos de ódio sobre diversas pautas e movimentos importantes. Torna-se, portanto, necessário se ater ao conteúdo que esses *memes* abarcam, uma vez que está sendo consumido por diversas pessoas em diversos momentos e

lugares. Na internet, não é fácil controlar a propagação dos *memes* e, de certa forma, a visão de mundo veiculada por eles.

Essa figura, em especial, trata-se de um *meme* compartilhado por uma pessoa que compactua com a ideia de que as roupas utilizadas pelas mulheres lhe dá o direito de fazer um juízo de valor a respeito da conduta dessas mulheres. Esse *meme* reforça o discurso e as ações de ódio contra elas, em plena atualidade, em que tantas mulheres são assediadas, violentadas e, muitas vezes, mortas unicamente pelas roupas que usam. Os grupos que veiculam esse discurso talvez ignorem que existem pessoas no mundo dispostas a ferirem mulheres pelo simples fato de elas serem mulheres, independentemente da roupa que usem ou do seu comportamento. Uma prova disso é o fato de meninas, mulheres vestidas até de burca e mesmo idosas também sofrerem violência sexual de todo tipo, sendo, com frequência, serem vítimas de feminicídio. Um crime cuja motivação é o ódio contra mulheres. Dessa forma, quem veicula *memes* como este segundo, mesmo que não saiba, contribui para a continuidade ou o aumento dessa barbaridade. É necessário alertar os alunos para a importância de compreender e se responsabilizar pelo que veicula.

Ao levar essas discussões para a sala de aula, trazemos a atenção dos alunos para o que é o feminismo e a sua importância. É possível abordar, com esses jovens, temas como a liberdade da mulher em relação ao próprio corpo e a necessidade obrigatória de que todos respeitem o direito das mulheres de autonomia sobre seus próprios corpos e sua vida. Muitos jovens, como podemos observar, em diversas escolas e universidades, crescem com o pensamento enraizado de que são livres para, sem permissão, tocar os corpos das mulheres como se isso fosse comum, permitido e o certo a se fazer. Levar essa abordagem para as escolas através dos *memes* é uma forma divertida e espontânea de abordar um assunto tão importante, que ainda, infelizmente, representa um problema enorme da nossa sociedade. Embora essa não seja a única forma de fazê-lo, por meio dos *memes* é possível rebater diversos discursos de ódio que são

disseminados com tanta facilidade, apenas levando o aluno a refletir sobre o conteúdo que está sendo veiculado, o que contribui para o desenvolvimento do seu senso crítico.

Meme 3



Fonte: Pin page (pinterest.com)

No *meme* acima, temos uma mesclagem entre o famoso quadro de Edvard Munch, intitulado “O grito”, e o personagem Zenitsu Agatsuma, do *anime* inspirado numa série de mangá, *kimetsu no yaiba*, de Koyoharu Gotôge. O personagem retrata a imagem de um rapaz aterrorizado que, nas diversas cenas em que é submetido a alguma situação de risco, demonstra seu espanto e horror por meio da sua expressão. Cena semelhante à do quadro referido, conforme descrito na passagem a seguir:

Caminhava com dois amigos pelo passeio, o sol se punha, o céu se tornou repentinamente vermelho, eu me detive; cansado, apoiei-me na grade - sobre a cidade e o braço de mar azul-escuro via apenas sangue e línguas de fogo - meus amigos continuaram a andar e eu permanecia preso no mesmo lugar, tremendo de medo - e sentia que uma gritaria infinda penetrava toda a natureza.

Muitas pessoas se sentem familiarizadas quando observam o quadro, mesmo quando não sabem nada sobre ele. É comum já tê-lo visto em algum lugar, sobretudo estudantes. Também é comum reconhecer a imagem do Zenitsu Agatsuma, já que o anime e o mangá são bem famosos, tanto na comunidade de

otakus como para outras pessoas que são apenas fãs do gênero. Também há a possibilidade de algum estudante não reconhecer nem uma nem outra arte. Por isso, quando os *memes* são apresentados aos alunos, é solicitada uma breve pesquisa. Assim, é comum que eles, a partir de seu conhecimento de mundo e/ou das pesquisas desenvolvidas, façam inferências e saibam associar aspectos de uma obra e outra. O que pode despertar seu interesse para qualquer uma das artes, ou ambas, simultaneamente, ainda que sejam produções completamente diferentes, em mídias distintas e com propósitos certamente diferentes também.

Um aluno, por meio do anime, ao reconhecer o personagem, pode se render à ideia de pesquisar a figura do quadro e ir por um caminho que lhe permita conhecer mais a respeito do expressionismo, um movimento artístico do início do século XX que buscava expressar emoções intensas e subjetivas através de distorções na forma e na cor. Vemos nas artes visuais, na literatura e no cinema, que os artistas expressionistas tentavam capturar a angústia, a ansiedade e as emoções profundas da experiência humana, muitas vezes utilizando cores vibrantes e formas distorcidas para transmitir uma visão subjetiva e emocional do mundo.

Mesmo que o *meme* não desperte tanto interesse no aluno, é possível afirmar que o tema será proposto de forma mais interativa para algumas pessoas que antes tinham pouco ou nenhum interesse no assunto, podendo ser útil nas aulas de artes e história da arte. Ao mesmo tempo em que traz a atenção do aluno para a produção cultural japonesa, que ganha cada vez mais espaço nas culturas ocidentais. A arte em constante mudança pode ser vista de várias formas.

Meme 4



Fonte: MPD - Memes de política de direita | Facebook

É possível criticar o governo Bolsonaro e o PT ao mesmo tempo, pois se referem a diferentes partidos políticos com abordagens distintas. Do governo Bolsonaro, podemos criticar, entre outras coisas, a política ambiental, que deixou a desejar. Algumas críticas envolvem a gestão ambiental e destacam preocupações com o desmatamento na Amazônia. A crise na saúde pública, resultante da resposta do ex-presidente à pandemia de COVID-19, gerou debates, com críticas sobre a eficácia das medidas adotadas, levando em consideração o número exorbitante de pessoas que morreram por causa da doença na época em que o ex-presidente atuava. Também foram criticados seus posicionamentos acerca das questões sociais, como os direitos das minorias e os direitos humanos em geral.

Ao governo do PT também podemos fazer algumas críticas, por exemplo, à corrupção. O PT enfrentou críticas relacionadas a escândalos de corrupção, como o caso do Mensalão e do Petrolão, este investigado pela Operação Lava Jato. Não ficou provado se o presidente Lula, de fato, esteve relacionado a essas práticas de corrupção, ainda que tenha sido julgado e preso. Alguns argumentam que as políticas econômicas do PT geraram problemas, como aumento da dívida pública. Há críticas também à forma como o PT conduziu

alianças políticas e como lidou com questões governamentais durante seu período no poder, que, segundo muitas pessoas, foi um importante ponto negativo durante os anos em que governou.

Entendemos que nenhum partido é perfeito e, sim, vimos que é possível fazer críticas a ambos os partidos. Ainda que discordemos de muitas dessas críticas, grande parte de nós tem acesso à internet, para pesquisar com afinco sobre a veracidade das informações. Sabemos que é difícil não tomar partido, considerando minuciosamente todos os acontecimentos que estiveram envolvidos nesse período político. Em se tratando de uma república democrática, é natural que nos atentemos a algumas questões mais que a outras.

Neste *meme* sobre política, compartilhado por uma página de direita, que se refere a Lula, o atual presidente do Brasil, e Jair Bolsonaro, ex-presidente, os quais representam, em parte, respectivamente, a esquerda e a direita da política atual, é possível trazer a atenção ao endeusamento político que talvez tenha se intensificado durante as eleições de 2018 e perdurado até os dias que se seguem. Certamente, houve em 2018, uma divisão política, uma vez que os dois políticos eram candidatos com propostas completamente diferentes e opostas, em muitos casos. O candidato da direita, Jair Bolsonaro apresentou propostas problemáticas, que muitas vezes feriam os direitos humanos. Também a própria postura desse candidato era extremamente ofensiva a diversas minorias. Em contrapartida, milhares de eleitores se identificaram com esse candidato que, em diversos momentos, teve atitudes racistas, homofóbicas, misóginas e xenofóbicas. A divisão da sociedade tomou tal proporção que foram aumentando os ataques de um grupo a outro. Isso nos leva a pensar como grupos tão contrários foram se desenvolvendo no Brasil.

Obviamente não deveria ser uma opção um candidato que feria os direitos humanos. Não deveria haver pessoas com o pensamento de que fossem corretas todas aquelas ofensas, com tantos discursos de ódio evidenciados. Talvez esse ódio estivesse enraizado junto ao preconceito dentro dessas mesmas

peessoas, talvez não fosse apenas ignorância política, talvez aquelas pessoas que diziam apenas não aceitar o outro partido, por considerar suas falhas inaceitáveis e piores, estivessem manifestando o que já estava presente dentro delas. Elas podiam compartilhar pensamentos semelhantes e, com a eleição, tiveram a oportunidade de expor sua visão de mundo mais livremente, de forma a não serem responsabilizadas.

Sim, em nossa análise, criticamos mais um desses lados políticos. Apesar disso, criticar um lado não significa não ver os defeitos do outro, mas se ater ao que, de fato, é importante numa democracia. Coisas básicas aos direitos dos seres humanos. Se ambos os lados políticos disputassem as eleições usando, de forma igualitária, recursos que estivessem de acordo com normas legais, para apresentarem suas propostas com clareza e verdade, aí, com certeza, seria mais fácil criticar ambos os lados na mesma proporção.

Assim, sendo a escola um lugar de ensino para compartilhar conhecimento, é o lugar ideal, não para fazer campanhas ou tirar a responsabilidade dos pais de educarem politicamente os filhos, mas para abordar assuntos como direitos humanos, respeito à diversidade, à raça, à nacionalidade, ao gênero, à sexualidade, entre outros temas. Trazendo essas discussões para a sala de aula, é possível contribuir para que o próprio aluno faça inferências sobre todos os partidos e consiga, pelo próprio senso crítico, fazer análises, pesquisar, buscar conhecer as propostas de cada candidato e não avaliar de forma isolada questões pessoais. É possível ver que todos os partidos têm falhas, mas alguns beiram ao inadmissível e, por mais que nenhum partido seja perfeito, talvez um seja a melhor opção, se olhado por todos os ângulos e comparado aos outros. Quando o óbvio não está escancarado, a escolha fica mais difícil. Então sim, dá para criticar os dois lados ao mesmo tempo, mas sempre tomaremos partido de um. O ideal é não perder a noção do básico e importante. Dessa forma, podemos contribuir enquanto professores para a consciência política dos jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros textuais são de extrema importância quando se trata do ensino de língua portuguesa, mas não somente para essa área. Os textos multimodais, cada vez mais, estão presentes em quase todos os componentes curriculares. Então, com base nesse fato, vale a pena ressaltar os potenciais didáticos do gênero textual virtual *meme*. O *meme* é imediato, pode fazer referências a séries, filmes, entrevistas, situações cotidianas e pode abordar também diversas questões sociais importantes.

Através deste trabalho, pudemos perceber que ainda não é muito utilizado o gênero *meme* nem em livros didáticos nem em sala de aula, como recurso para o ensino. Embora haja muitos estudos sobre o gênero *meme*, ele ainda não é muito estudado em escolas, apesar do seu potencial pedagógico. Uma vez que o *meme* atrai a atenção do estudante de forma exclusiva e interativa e aborda inúmeras questões atuais, sociais e pedagógicas, ele pode contribuir de forma positiva para o desenvolvimento acadêmico do aluno e para seu senso crítico a respeito de diversas outras situações contemporâneas.

Sendo assim, realizamos esta pesquisa sobre a gênese do termo *meme* e o seu desenvolvimento até ao *meme* que conhecemos hoje. Assim, como o conceito partiu de um trabalho de Richard Dawkins na área da biologia e, posteriormente, se tornou estudo para a compreensão do *meme* enquanto gênero textual, passamos por diversos autores com Marcuschi, Carla Coscarelli, Bakhtin, Kock, entre outros, a fim de estudar os gêneros textuais, com foco na multimodalidade e no letramento por meio dos *memes*, buscando entender como esse gênero pode contribuir com o ensino nas escolas. Verificamos que, pela sua característica cômica e irônica e pela forma dinâmica e interativa como passa a informação, o *meme* tem um grande potencial pedagógico e, mesmo depois de algumas análises, que são variáveis, podemos ver o quanto ele nos permite fazer inferências sobre diversos assuntos em diversas áreas.

Foram analisados alguns *memes* a respeito de aspecto da língua portuguesa, do feminismo, da política e das artes. As análises são individuais e partem de uma visão de mundo, elementos cognitivos, experiências pessoais. Por mais que alguém faça uma inferência sobre um mesmo *meme*, sabemos que sua conclusão, por mais que seja compatível com outra, não será a mesma. Assim como no *meme*, para Dawkins, a informação compartilhada pode ser a mesma, ela sempre será recebida de forma diferente por outra pessoa. Por isso, as análises variam e nunca são iguais, embora as informações sejam semelhantes. O propósito é levar essa percepção para as escolas e mostrar como o *meme*, trabalhado pedagogicamente, pode contribuir de forma positiva para a formação crítica e acadêmica dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: ensino médio. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 24 abr. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Língua portuguesa de 5^a a 8^a série do 1^o grau. Brasília: MEC/SEE, 1998. 139 p.

COSCARELLI, C. V. **Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

DAWKINS, RICHARD. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

DENNET, Daniel C. Memes and the Exploitation of Imagination. **Journal of Aesthetics and Art Criticism**, p.127-135, 1990.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual.** São Paulo: Contexto, 1997.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** São Paulo: Parábola, 2011.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. P. 13-69

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Raquel; Bezerra, M. Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

PAGANO, Adriana. Gêneros híbridos. In. MAGALHÃES, C.M. (Org.) **Reflexões sobre a análise crítica do discurso.** Belo Horizonte, Fale – UFMG, 2001. p. 83-104

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, v. 15, nº. 1, p. 127-148, jan./abril. 2013.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

XAVIER, A. C. A dança das linguagens na web: critérios para a definição de hipertexto. In: SILVA, T. C.; MELLO, H. (Orgs.). **Conferências do V Congresso Internacional da ABRALIN.** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007. p. 199-210.